

Inclusão e Alfabetização Digital

O termo 'inclusão digital' já é hoje um jargão devido ao seu uso constante. Com frequência, empresas e governos falam de democratização do acesso e inclusão digital sem critérios e sem saber se de fato promovem o efeito desejado. Inclusão digital significa, antes de tudo, melhorar as condições de vida de uma determinada região ou comunidade com ajuda da tecnologia.

A expressão nasceu do termo “digital divide”, que em inglês significa algo como “divisória digital”. Hoje, dependendo do contexto, é comum ler expressões similares como democratização da informação, universalização da tecnologia e outras variantes parecidas e politicamente corretas. A questão principal é que não basta ensinar uma criança ou jovem como utilizar o computador com seus programas de escritório mais comuns e navegar na internet. É necessário também mostrar a eles as perspectivas que o uso da tecnologia pode trazer, como conseguir um emprego e melhorar a condição da família. É preciso fazê-los entender que no mundo de hoje é imprescindível o domínio mínimo de recursos informáticos.

Muitos são os programas sustentados pelos governos federal, estaduais e empresas. Tais programas, dezenas cadastrados, são monitorados pelo ONID (Observatório Nacional de Inclusão Digital). Esta é uma iniciativa articulada pelo governo federal em interlocução com a sociedade civil organizada com o objetivo de acompanhar e avaliar as ações de inclusão digital no Brasil. Os programas mais conhecidos são o Proinfo, o PROUCA e os telecentros.

Apesar dos muitos programas de inclusão digital existentes e ativos, a quantidade de brasileiros e brasileiras sem computador e sem acesso ainda é muito grande. Não podemos falar em uma inclusão digital verdadeira, já que o acesso puro e simples de uma pessoa à Internet, com e-mail e participação em uma rede social, não basta para transformar o contexto local. Além disso, pesquisas do IBGE apontam que a Internet é utilizada basicamente para comunicação interpessoal, perdendo de longe para fins educacionais e de aprendizado.

Inclusão digital

É o nome dado ao processo de democratização do acesso às tecnologias da Informação, de forma a permitir a inserção de todos na sociedade da informação. Inclusão digital é também simplificar a sua rotina diária, maximizar o tempo e as suas potencialidades. Um incluído digitalmente não é aquele que apenas utiliza essa nova linguagem, que é o

mundo digital, para trocar e-mails e acessar redes sociais, mas aquele que usufrui desse suporte para melhorar as suas condições de vida a fim de buscar novas oportunidades de emprego, meios de comunicação, formas de obter aprendizado entre outras. Assim, trazer mais benefícios para a vida pessoal e profissional do cidadão.

A inclusão digital, para acontecer, precisa de três instrumentos básicos, que são: a) dispositivo para conexão; b) acesso à rede e c) o domínio dessas ferramentas. Assim, não basta apenas o cidadão possuir um simples computador conectado à internet para que ele seja considerado um incluído digital. Ele precisa saber o que fazer com essas ferramentas.

Entre as estratégias inclusivas estão os projetos e ações, que facilitam o acesso de pessoas de baixa renda às tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC). A inclusão digital volta-se também para o desenvolvimento de tecnologias que ampliem a acessibilidade para usuários com deficiência. Dessa forma, toda a sociedade pode ter acesso a informações disponíveis na Internet, e assim produzir e disseminar conhecimento. A inclusão digital insere-se no movimento maior de inclusão social, um dos grandes objetivos compartilhados por diversos governos ao redor do mundo nas últimas décadas.

Dois novos conceitos são incorporados as políticas de inclusão digital: a acessibilidade de todos às TIs (*e-Accessibility*), neste caso, não somente a população deficiente; e a competência de uso das tecnologias na sociedade da informação (*e-Competences*).

É importante ressaltar que a literatura tem apontado que as desigualdades relativas às formas de acesso à comunicação digital são de diversas naturezas. Em outras palavras, é preciso compreender tal fenômeno como algo que vai além da mera falta de acesso a computadores, partindo-se para uma avaliação que leve em conta desigualdades geográficas ou relativas ao domínio que cada usuários tem quanto aos softwares mais comuns. Nesse sentido, as políticas públicas devem se dedicar a enfrentar tais problemas nas suas mais diversas dimensões.

Inclusão digital nas escolas

Analisando o crescimento da informatização dos serviços oferecidos à sociedade atual, cada vez mais se busca a necessidade da inclusão digital dos cidadãos nesse modo de vida. Ao acontecer o uso destes recursos tecnológicos, eles devem ser apropriados de meios onde as TDIC se direcionem para fazer valer a inclusão dos indivíduos neste ciberespaço.

Deste modo, a escola se apresenta como ambiente capaz de fazer imergir tais tecnologias a serviço de uma metodologia de ensino a favor da interação dos alunos nesta sociedade da informação anulando, assim, as diferenças sociais não pertinentes a este processo.

Ao se utilizar diferentes mídias, que colaboram para a apropriação de um ambiente de comunicação, o computador e seus inúmeros recursos destacam-se como ferramenta de acesso apoiado por diferentes programas sociais do governo federal. Baseado nestes preceitos, a inclusão digital no ambiente escolar deve ser feito como uma ação educacional que envolve o professor, ao capacitar-se para apropriação e ideal uso de recursos tecnológicos, e o aluno como sujeito no espaço de interação e comunicação de novas formas de colaboração, interatividade, conhecimento e cidadania.

A informática é a maior descoberta do século XX. A sua expansão é universal e a sua utilidade é indescritível e quem a desconhece está fora do mercado de trabalho.

Inclusão digital de idosos

A participação ativa de idosos em entornos tecnológicos pode representar um papel fundamental na melhora da saúde e da qualidade de vida destas pessoas. A Internet e suas múltiplas ferramentas possibilitam que as pessoas da terceira idade sigam aprendendo e exercitando a mente através dos conteúdos disponíveis no meio digital, evitem o isolamento e a solidão, fortaleçam e ampliem sua rede de comunicação com outras pessoas, se entretenham, assegurem sua participação no contexto político, cultural e social e permaneçam atualizados sobre os acontecimentos do mundo.

Alfabetização digital

É a iniciação ao uso e à compreensão dos recursos da informática, sendo imprescindível aos programas de inclusão digital. Através da alfabetização digital a criança ou o adulto toma conhecimento das possibilidades fornecidas pelo mundo cibernético. A alfabetização visa capacitar o indivíduo ao uso de editores de texto, planilhas, navegação e pesquisa na Internet (não apenas cópia de informação), aprender a encontrar e aplicar o que deseja ou precisa.

A alfabetização digital é inclusiva, pois permite a quem sabe apenas intuitivamente, por uso, assim como para quem nada conhece, assim como para aqueles que já têm maior saber na área, ingressar de vez no universo virtual. Não pode, no entanto, ser pensada apenas como capacitação tecnológica, vai além disso, pois deve ser pensada e proposta, entendida e realizada como elemento que gera a compreensão do poder das

ferramentas e do universo digital, suas consequências e responsabilidades.

Saber como utilizar tais tecnologias é apenas o primeiro passo, que deve ensinar, na continuidade desta inclusão digital, a compreensão do porque utilizar, das repercussões de uso, do compromisso que deve estar além do interesse individual, compreendendo também o respeito e o trabalho em prol de interesses coletivos e sociais.

Na escola aprendemos a ler, escrever, realizar cálculos, compreender a história, o funcionamento do corpo humano, as dimensões do universo, o pensamento científico e tantos outros saberes, criados e desenvolvidos ao longo de toda a existência de homens e mulheres neste planeta. Estes saberes são fundamentos que nos auxiliam a viver em grupo, compartilhar, trabalhar, construir, pensar, analisar, avaliar e tantas outras ações que nos caracterizam sendo, por isso mesmo, compreendidos tanto o ensino quanto a aprendizagem destes conhecimentos como parte essencial da construção da própria identidade dos seres humanos.

Nessa perspectiva, a alfabetização digital relaciona-se à capacidade de utilização das TDIC de forma plena, ou seja, valendo-se de suas possibilidades múltiplas, em suas diferenciadas plataformas, compondo a partir das ferramentas encontradas para melhorar o desempenho, a ação e a condição de trabalho e realização. Significa, por exemplo, entender como funcionam recursos como planilhas, processadores de texto, apresentações em slides, comunicadores virtuais, redes sociais, ferramentas de edição de vídeos e músicas e tantas outras funcionalidades que estão presentes no universo digital.

A compreensão do funcionamento destes recursos é o primeiro passo para que seu uso aconteça e permita ao usuário ir além daquilo que intuitivamente atingiu no contato com estas ferramentas. Por uso próprio muitas pessoas que começaram e até hoje utilizam estas tecnologias. Não se pode desprezar e nem tampouco desperdiçar o tempo e o esforço despendidos para que isso acontecesse.

Na realidade, os computadores e as redes acabaram se tornando elementos importantes para que as pessoas percebessem o potencial e possibilidade de desenvolvimento por conta própria, em processo de autoaprendizagem, ou seja, capacitando-se individualmente, de forma espontânea, motivados pelo fascínio e elementos de interesse trazidos pelos computadores e pela internet. Ainda assim, compete às escolas, a imprescindível tarefa de preparar alunos de diferentes faixas etárias a usar as tecnologias e incorporá-las a seus estudos, trabalho e vida cotidiana.

O que se tem visto é um crescente uso das tecnologias, com crianças e adolescentes utilizando recursos digitais (nos quais se incluem televisores, computadores, celulares e afins) por, em média, de 10 a 12 horas diárias, registrando crescimento de uso

de 3 a 4,5 horas por dia em aproximadamente uma década. Muito tempo tem sido dedicado à navegação sem rumo, sem objetivos claros, desprovida de interesse específico, seja para os estudos ou para o trabalho, por exemplo. Dedicar-se muito tempo às redes sociais, ao entretenimento, a comunicação entre pares e, com isso, tem-se a constante e real percepção de tempo perdido, desperdiçado, no qual o usuário poderia aprender algo, realizar, produzir para si mesmo e para a sociedade.

Não que outras finalidades, relacionadas mais especificamente ao lazer e a informação não ligada ao estudo ou ao trabalho, sejam fúteis, descartáveis ou desnecessárias. O problema é o dispêndio de energia apenas ou principalmente direcionado a estas ações no mundo virtual. Neste sentido torna-se essencial a compreensão das tecnologias como elementos que nos permitem tanto o entretenimento quanto a produtividade nos estudos e no trabalho.

É importante atentar para o fato de que no mundo em que vivemos, com recursos sendo disponibilizados para nossa utilização em quantidade e velocidade para que os tenhamos em casa, na escola, no trabalho e mesmo em locais públicos, como repartições governamentais, bancos ou supermercados, precisamos aprender a fazer melhor uso de todos estes mecanismos.

As tecnologias consistem, neste sentido, no atual estágio da evolução da humanidade, quesito adicional de suma importância que precisa ser integrado ao cotidiano para uso, como de fato já está a acontecer, com a incorporação de tantos recursos em tão pouco tempo, quanto principalmente, no que se refere ao entendimento do que tudo isso significa para cada um e para todos.

Referências

CASADO-MUNOZ *et.al.* Active Ageing and Access to Technology: An Evolving Empirical Study. *Comunicar*, 23 (45): 37–46, 2015.

MARQUES, F. P. J. A. Democracia on-line e o problema da exclusão digital. *Revista InTexto*. UFRGS. 2016.

ONID – Observatório Nacional de Inclusão Digital, <<http://onid.org.br/portal/>>.

REBÊLO, Paulo .Inclusão Digital: o que é e a quem se destina? *Webinsider*, Maio de 2005. Disponível em: <<http://webinsider.uol.com.br/2005/05/12/>>.